

**Construir**

11-03-2010

**Periodicidade:** Quinzenal**Classe:** Construção/Imobiliário**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 5000**Temática:** Construção/Imobiliário**Dimensão:** 576**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 18/19**Entrevista**

Os percursos da Ordem dos Engenheiros (OE) e da Associação Nacional de Engenheiros Técnicos (ANET) têm entrado em rota de colisão ao longo dos anos. Agora, a petição para revogar a portaria 1379/2009 poderá ser mais um entrave à melhoria das relações entre estas duas instituições. O Construir falou com Augusto Ferreira Guedes, presidente da ANET, que vê com bons olhos a eleição de Carlos Matias Ramos como Bastonário

**Augusto Ferreira Guedes**  
Presidente da ANET

**Acha que este Bastonário vai mudar alguma coisa relacionada com a actividade dos engenheiros técnicos?**

Ele foi eleito para outra associação de direito público. Não vai mudar nada na ANET, porque aqui nós é que temos essa competência. Agora espero que, dada a elevada carreira do engenheiro Matias Ramos, possamos de facto, iniciar um novo ciclo de relacionamento entre as duas associações de direito público. Estou convicto de que é isso que vai acontecer.

**Relativamente a esse ciclo, o que acha que vai acontecer?**

Eu tenho uma perspectiva optimista e acho que o Matias Ramos tem um estatuto que lhe permite abordar estas questões sem corporativismo exacerbado como tem acontecido neste momento, com a actual direcção. Penso que o engenheiro Matias Ramos tem demonstrado à sociedade portuguesa que tem bom senso e, portanto, quero crer que se inicia um ciclo novo, de grande dinâmica na engenharia, em que vamos saber encontrar soluções para os problemas que nos dividem, sem que nenhuma das classes seja minorizada. Essa é a minha expectativa.

**E no que diz respeito à relação entre a ANET e a Ordem, acha que este novo Bastonário poderá dar passos importantes?**

A relação entre a ANET e a Ordem é boa. Nem sempre foi boa entre os seus dirigentes, mas há uma distinção muito grande entre ambas e entre os engenheiros e os engenheiros técnicos, que é, de facto, o relacionamento no terreno. Por vezes, alguns protagonistas deste processo, por terem uma visão passadista, não conseguem ter a dimensão dos grandes homens e dos grandes estadistas. Portanto tenho uma expectativa muito boa, relativamente àquilo que poderá acontecer a partir da tomada de posse de Matias Ramos como Bastonário e estou convencido que relativamente àquilo que estão a tentar fazer, que é levar a cabo uma petição que é agressiva e ofensiva da nossa dignidade, penso que será seguramente uma medida de bom senso colocar um ponto final a esta petição, porque ela não faz nenhum sentido e espero que hajam sinais claros de abertura e disponibilidade para encontrarmos soluções. Tudo tem solução desde que se consiga falar e que as pessoas sejam sérias e é esta a ideia que tenho do engenheiro Matias Ramos.

**Que soluções são essas?**

A solução passa necessariamente por querermos uma engenharia de qualidade. Portanto, fazermos só aquilo para que estamos habilitados e para que temos conhecimento. É o único princípio que eu tenho como referência no exercício da engenharia e, portanto, em torno desse conceito, que não é um conceito abstracto, mas sim bem definido, eu julgo que vai ser fácil, se tivermos de acordo com aquilo que são as condições para uma boa engenharia em Portugal e no mundo. Não tenho nenhuma outra condição. É aquilo que temos lutado desde há muitos anos e aquilo que o país necessita. Acho que são pequenos fait-divers que não são relevantes para a vida de Portugal.

**Como pode então a OE agir?**

Sendo uma instituição de direito público, virada para a defesa do interesse público e não dos seus membros. Enquanto observador atento e conhecedor das várias nuances do problema, julgo que o engenheiro Matias Ramos personifica este conceito de que o interesse público está acima do interesse privado e é para isso que existem estas instituições. Acho que a sua vitória é uma garantia de total abertura e disponibilidade para conversar, sobre o que temos que fazer para que a engenharia seja melhor. Não é para que os engenheiros ou nós tenhamos mais mercado. É sim o que temos de fazer para que a engenharia e a arquitectura sejam melhores no País.

{Continuação  
da entrevista}

**O que acha que podem fazer nesse sentido?**

Temos de ser modestos e trabalhar com as escolas para que estas ensinem melhor e para que os profissionais se actualizem, estejam a par dos novos conhecimentos e não assinem projectos feitos por outros. Acabem com as assinaturas de favor, e com coisas que criem concorrência desleal. Acho que são princípios simples com os quais estamos todos de acordo. Podemos não estar de acordo com a metodologia e a abordagem, e para isso é preciso conversar e ver como poderemos todos contribuir para uma engenharia melhor.

**Em que medida a portaria ofende a ANET?**

Eles tinham por herança a exclusividade de alguns projectos e isso é algo que não passa pela cabeça de ninguém no século XXI. Se as pessoas estiverem de consciência tranquila e, nos próprios termos que a portaria prevê, que é a comissão de acompanhamento, é possível melhorar aquilo que foi processado por uma lei que demorou mais de 20 anos a ser trabalhada. Todos saímos prejudicados por aquilo que era uma certa selva no projecto e na obra. Portanto, seguramente, dentro da comissão de acompanhamento, vamos encontrar os mecanismos e as soluções, para um ou outro problema que existam. Se houver bom senso, estamos em condições para que, sob a tutela do Instituto da Construção, e do Ministério das Obras Públicas, discutir na comissão de acompanhamento, alguma questão que suscite mais dúvidas, sendo certo que o que está mal é a portaria anterior, que é a 701H, que está mal organizada. Assim, precisa de ser corrigida, porque a actual portaria está bem. O que está mal é alguma legislação dispersa que a comissão de acompanhamento terá oportunidade de analisar e de sugerir melhorias.